



## MISSÕES DISTINTAS

mas que se cruzam no mesmo caminho...

001961

Por ANTÓNIO DIAS

Ao primeiro relance parece não haver analogia entre o árbitro e o jornal desportivo. Mas há. Pelo menos no que se refere à projecção do trabalho de cada um.

O juiz de campo, por mais feliz que seja dentro do rectângulo, por mais acertadas que se afirmem as suas decisões, imparciais, justas, precisas, jamais consegue reunir em seu redor a concordância geral. Aparece sempre uma voz discordante, uma voz que acusa...

O jornalista não foge do mesmo modo a essa fatal lei da incompreensão. Procura ser honesto, investir-se de um sentido humano para analisar a acção dos intervenientes no embate, procura descrever os acontecimentos com a maior fidelidade possível, tenta dar opinião sincera, esforça-se, enfim, por cumprir a sua missão, mas o seu trabalho nunca é retribuído com o aplauso unânime das duas partes. E quando isso sucede, é o árbitro que não se conforma...

Exactamente: o árbitro que não se conforma... Eis um caso assíduo, premente, de todos os dias. Dois campos opostos, com diferentes ângulos de observação e com interesses que muitas vezes não podem deixar de colidir. Uma barreira que só com muita compreensão, respeito mútuo e estima se pode amenizar.

Certa vez, palmilhávamos ainda os nossos verdes anos do jornalismo, um árbitro acusou-nos de termos feito sobre o joelho a apreciação ao seu trabalho.

Nunca mais esquecemos essa acusação. Não por um rebate de consciência, que aliás não estava em causa, nem porque déssemos ao incidente a importância que não merecia. Mas aquela frase de havermos executado o nosso trabalho sobre o joelho, mordeu-nos a sensibilidade, fixou-se-nos no pensamento. É que, infelizmente, sobre o joelho continuou, tem continuado e há-de continuar a fazer-se

muita coisa no futebol português e na arbitragem.

Dizia-nos o outro dia, uma das mais brilhantes penas do jornalismo da especialidade: «Quando viajo em serviço não gosto de fazer turismo. O meu trabalho sai-me tanto melhor quanto mais me concentrar sobre ele, dedicando-lhe um estudo antecipado, minucioso, que me conceda a maior base possível».

Pode a expressão parecer de conceitos demasiados rigorosos. Mas encerra fundamentalmente uma lição. Os êxitos não nascem, quer a escrever quer a arbitrar, do improviso. Nascem de horas amaríssimas sacrificadas ao estudo, em que os prazeres se trocam por uma heróica persistência de se querer saber mais.

O facto é que o asserto do distinto camarada tem cabal aplicação também no caso dos árbitros.

Se o jornalista deve socorrer-se de uma agudeza de espírito concentrada e de elementos que lhe permitam maior perfeição no seu trabalho, os árbitros, pelas mesmas razões, devem seguir preparação idêntica. Dentro do rectângulo exigem-se reflexos rápidos, decisões que têm de ser dadas numa fracção de segundo. É ali que se vê a sabedoria do juiz, o seu estudo, a sua personalidade, a sua independência.

Stendhal dizia — e isto vem a propósito do jornalismo — que era preciso escrever todas as manhãs, seja-se ou não génio. Pois um árbitro carece também de se debruçar antecipadamente sobre todos os jogos em que intervenha, fáceis ou difíceis, seja ou não um consagrado.

Estamos, portanto, em frente de duas missões que se cruzam no mesmo caminho e que não devem tomar, insensivelmente, decisões sobre o joelho...